

Projeto “Poéticas”: poesia como pensamento e educação

“Poetics” project: poetry as thought and education

RESUMO

O projeto de extensão intitulado “Poéticas: Projeto de Capacitação de Professores e Formação de Leitores Literários”, vinculado à Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), teve por objetivo trabalhar a leitura poético-literária com professores da rede pública de ensino da cidade de Niterói, Rio de Janeiro. Apesar disso, o projeto não se restringiu a esse público, tanto que recebeu alunos de graduação, agentes de leitura, contadores de histórias e pessoas que se identificavam com os temas trabalhados. O método empregado foi a leitura concentrada em poemas selecionados e textos críticos, cujo diálogo empreendido se fez a partir da hermenêutica poética. Como resultado dessa ação, todos os participantes aumentaram sua produção textual e, quando professores, reinventaram suas posturas tanto em sala de aula quanto na vida cotidiana.

Palavras-chave: Poética. Leitura. Leitores. Educação. Extensão.

ABSTRACT

The academic extension program entitled “Poetics: Teacher Training Project and Literary Readers Qualification” in cooperation with the Federal Rio de Janeiro State University (UNIRIO) aimed to read many literary poetic texts with public school teachers from Niterói, State of Rio de Janeiro, Brazil. However, this program was not restricted to this kind of audience, it received graduation students, reading agents, storytellers and people who identified with the theme of the classes. The methodology used was the interpretation of selected poems, as well as reading and discussion of critical texts, which dialogue was made from hermeneutic poetic. The result of this work was that all participants increased their textual production and the student-teachers rediscovered their positions inside the classroom, as in their private lives.

Keywords: Poetic. Reading. Readers. Education. Extension.

Fabio Santana Pessanha

Doutorando em Teoria Literária na Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; integrante do Núcleo Interdisciplinar de Estudos de Poética (NIEP/UFRJ) (santanapessanha@gmail.com).

INTRODUÇÃO

O “Poéticas: Projeto de Capacitação de Professores e Formação de Leitores Literários”, vinculado à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROExC) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), iniciou-se em abril de 2016 e foi até novembro do mesmo ano. Houve duas orientações principais: tratar poesia como pensamento, ao romper com o engessado conceito de gênero literário; e possibilitar a formação de leitores, ao partir da leitura de obras literárias, filosóficas e poéticas, evidentemente.

O projeto foi composto por seis módulos (ou cursos) e uma oficina que aconteceram na Biblioteca Parque de Niterói, com promoção da Secretaria de Educação, Ciência e Tecnologia/Fundação Municipal de Educação e Superintendência de Desenvolvimento de Ensino de Niterói. Ao final de cada módulo, foram distribuídos livros aos participantes, graças à doação de 90 exemplares de títulos diversos – cujos temas dialogavam com questões desenvolvidas nos cursos – que o projeto recebeu da Editora Tempo Brasileiro.

Apesar de ter sido formalmente estabelecido um público-alvo, que seria composto por profissionais de educação, dada a amplitude e o tipo de trabalho desenvolvido, pessoas fora desse grupo também participaram dos cursos por terem interesse pela dinâmica do projeto. É importante esclarecer que essa expansão também se deve ao fato de o projeto atender às diretrizes pactuadas pelo Fórum de Pró-reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras (FORPROEX), no que diz respeito à interação dialógica; interdisciplinaridade e interprofissionalidade; indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão; impacto na formação do estudante; assim como impacto e transformação social. Desse modo, além de professores, o projeto também envolveu coordenadores de escolas, funcionários de bibliotecas, graduandos e pós-graduandos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Universidade Federal Fluminense (UFF), assim como o grande público, que tomou conhecimento dos cursos pela divulgação feita na página da Biblioteca Parque de Niterói no Facebook¹, no blog Propriedade do Irreversível² e na página oficial da UNIRIO³.

O motivo que nos levou a criar o projeto foi o de tratar poesia como

¹ Disponível em: <<https://www.facebook.com/bibliotecaniteroi/?fref=fb>>.

² Disponível em: <propriedadedoIrreversivel.blogspot.com.br>.

³ Disponível em: <<http://www.unirio.br>>.

pensamento, para além dos tradicionais conceitos encontrados em literatura, e possibilitar a formação de leitores a partir da leitura poética, tendo como referências primordiais as obras literárias, filosóficas e poéticas, evidentemente. Deste modo, uniu-se a oportunidade que a UNIRIO oferece com a publicação dos editais para proposição de projetos de extensão com nossa tese de doutorado, que está em andamento pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e que tem como foco a palavra poética a partir das obras dos poetas Manoel de Barros e Paulo Leminski.

Consideramos a palavra como habitação poética, como lugar em que a linguagem exerce sua morada – em atenção aos estudos de fenomenologia e hermenêutica poética. Assim, a fenomenologia deixa aparecer o fenômeno como tal, isto é, confere vigência a isto que é sendo. Melhor ainda, diz a constante, decisiva e inaugural recondução ao que já é, a isto que aparece e, no aparecer, é princípio (*archê*) e fim (*télos*) simultaneamente, sem se colocar aí uma dicotomia, pois esta apenas reduziria o instante incomensurável do aparecer a um fato datado e desgastado desde sua nascença. Então, fenomenologia diz o fenômeno, do grego *phaino*, em cuja palavra se reverdece o sentido de um manifestar-se que vai de si a si mesmo, um vir à luz, e de cuja formação etimológica se pode também depreender o *lógos* no sentido originário grego que, de dentro de uma infinda gama de possibilidades, diz linguagem. É a partir desta acepção que basearemos nossos encaminhamentos. Isto é, para além de uma concepção ocidentalmente arraigada, na qual *lógos* é comumente traduzido por razão, optamos – assim como é a postura com a qual trabalhamos em nosso doutoramento – por nos respaldar em sua tradução para linguagem, mas excedendo do tão usado conceito de linguagem como representação. Pelo escopo vigente nos estudos aqui em questão, o *lógos* diz a fonte do que se nomeia e, por isso, torna-se presença, no sentido de concretização do sagrado como realidade: “O ser se dá na linguagem porque a linguagem é numinosamente a força-de-nomear” (TORRANO, 1992, p. 29).

O andamento dado à fenomenologia deságua no modo como entendemos a hermenêutica poética e como a trabalhamos durante o projeto. A saber, ela instala uma densidade no que usualmente se entende por interpretação. É necessário, então, demarcar uma fronteira. Da tradução do grego *hermeneúein* para o latim *intepretari*

perdeu-se o sentido originário do primeiro, o qual significa o caminho de condução da mensagem enquanto destino misterioso a ser realizado historicamente, tendo-se como referência o deus Hermes, ligação entre o devir humano e os deuses. A interpretação, no sentido latino, mais se refere à elucidação de um fato, a uma explicação, ainda que preserve em sua etimologia o barganhar (*-pretium*) dos sentidos vigentes nas diversas possibilidades de caminhos (*inter-*), para os quais a leitura nos conduz. Então, como afirma Emmanuel Carneiro Leão: “Nem toda interpretação é uma hermenêutica. Somente a que descer até o vigor do mistério que estrutura a história” (LEÃO, 1991, p. 15). Daí, por hermenêutica poética, entendemos essa convergência à essência do poético, uma vez que poesia não se reduz a um gênero, e sim ao acontecimento de uma ação criativa, conforme aprofundaremos mais à frente.

Justifica a envergadura do projeto realizado a necessidade que encontramos de trabalhar a leitura de maneira mais densa, juntando isso ao fato de imergirmos em um espaço de formação leitora literária. Tentamos fugir sempre que possível dos lugares-comuns e das práticas desgastadas por uma aplicação puramente técnica, que não nos deixa escutar nosso próprio silêncio.

OBJETIVOS

Ao seguir e perseguir a concepção de poesia como pensamento, e no empenho de desenvolvimento do trabalho que ora se explicita, pretendemos deixar claro em nossas ações que, na palavra, a linguagem aparece e brilha ao percorrer o itinerário que leva o leitor a si mesmo, mediante um processo de (re)descoberta pessoal e dos variados sentidos semânticos que uma palavra desempenha, principalmente se considerarmos que em um poema a palavra renasce e instaura realidades. A partir dessa postura, propusemos leituras que, de dentro do tempo, da possibilidade de escuta de cada um, o diálogo se realizasse de forma tensionalmente harmônica. Isto é, que a cada leitura feita e discussão travada fosse possível reinventar, quem sabe, um modo peculiar, particular, de trato com as questões que se fizessem importantes no cotidiano de cada participante do projeto.

Não há medida que mensure o grau de interferência realizada.

Entretanto, ainda que ciente da imprevisibilidade resultante de cada gesto experienciado, havia o objetivo de se fomentar a fome por mais leitura, de se fundamentar o gosto por aquilo que fugisse da zona de conforto de todos nós, a qual nos leva, muitas vezes, ao sedentarismo intelectual e, não querendo ser exagerados, à apatia humana no trato com o outro.

Especificamente no que diz respeito aos professores envolvidos nos trabalhos, com nossas discussões havia o objetivo de que, no âmbito da sala de aula, todos pudessem ser tocados pela possibilidade de reinvenção de si mesmos e, com isso, poderiam propor aos seus alunos que estes se reconhecessem como são. Tal objetivo, se cumprido fosse, plenificaria a atuação do projeto “Poéticas” à medida que os docentes e agentes de leituras envolvidos exercessem em suas próprias aulas e demais trabalhos as discussões e atividades das quais participaram durante os módulos do projeto, já de maneira singularizada e apropriada, no sentido de se deixarem integrar na ação.

METODOLOGIA

No primeiro encontro de cada curso, éramos todos apresentados e as maneiras de condução dos trabalhos eram expostas, inclusive com a menção da participação do grupo na “avaliação” do módulo. Desta forma, ainda que não fossem exatamente avaliações, já que os envolvidos no projeto tinham a liberdade de participar ou não, as perguntas distribuídas ao final de cada curso serviam como diálogo para pensarmos conjuntamente as ações a serem empreendidas nos módulos seguintes, quando possível. Isso porque a maioria dos participantes continuava seus estudos no projeto, outros, por razões diversas, participavam apenas de alguns. Na verdade, a estrutura do projeto “Poéticas”, prevista em módulos, foi pensada exatamente para dar condições de que cada participante, docente ou não, pudesse adequar da melhor maneira possível os horários de seus compromissos profissionais e pessoais com o nosso tempo de trabalho, de modo que cada módulo era interdependente. Então, os interessados poderiam começar a participar em qualquer curso, já que questões importantes eram sempre retomadas.

Ainda no primeiro encontro, os participantes autorizavam o uso de

seus comentários escritos para fins de comprovação das atividades realizadas ou para menção em outros tipos de divulgações ou trabalhos acadêmicos, como este texto que ora se erige. Portanto, cada citação dos participantes, aqui feita, ocorre mediante sua anuência.

⁴ Em atenção à sua etimologia: *metá* = entre; *hodós* = caminho, portanto, itinerário vigente por entrecaminhos, possibilidades.

Nosso tempo era dividido em leitura, interpretação, discussão e produção textual. Quanto a este último, houve uma oficina totalmente voltada para tal fim, conforme será mais bem detalhada à frente. Nos demais módulos, a produção textual dependia da dinâmica nascida no instante da discussão e da necessidade de se transformar algum ponto debatido em material complementar. Então, poemas (em sua maioria) ou outros modos de se dizer textualmente eram produzidos ao longo do nosso trabalho.

Os textos trabalhados eram todos digitalizados e entregues previamente por e-mail, a partir do endereço obtido no formulário online de inscrição dos participantes. Tal conduta adiantou bastante o diálogo extraencontro.

Ainda na ambiência virtual, criamos grupos de discussão no aplicativo *Whatsapp*, a fim de mantermos uma condução *non-stop* das conversas travadas durante os encontros. Assim, dúvidas surgidas depois do horário do projeto já eram postas em discussão, o que também nos dava a possibilidade de propor leituras complementares, que tratassem dos assuntos nascidos dessas trocas de mensagens. Também o e-mail criado especificamente para atender às demandas do projeto servia para trocas de textos, além de manter a discussão com aquele participante que, eventualmente, não acessasse o aplicativo citado.

Suporte teórico e método

Para se pensar um trabalho, elabora-se um método⁴. Neste, caminhos são encontros e divergências, verdadeiras encruzilhadas, quando nos propomos a pensar não a partir de algo já dado e pronto, e sim de dentro de um percurso para o qual se encaminha a conjuntura do que virá a ser.

A fenomenologia heideggeriana e a hermenêutica poética, conforme já mencionadas anteriormente, serviram de aporte básico às discussões travadas nos encontros. Dentro dessa referência, entram ainda o

diálogo com os escritos de Manuel Antônio de Castro, Emmanuel Carneiro Leão e Gilvan Fogel, dentre outros. Além desse marco teórico-filosófico, as obras poéticas e literárias, principalmente as que diziam respeito aos poetas Manoel de Barros e Paulo Leminski, foram – e ainda são em nossos estudos de doutoramento em Ciência da Literatura – os alicerces para grande parte das nossas elaborações argumentativas. Contudo, evidentemente, não ficamos apenas com esses poetas.

Se a questão fulcral do projeto foi sair do lugar-comum de poesia como gênero literário e enxergá-la em sua deveniência originária, isto é, auscultando o máximo possível as tonalidades do pensamento grego no tocante à *poiesis* – enquanto ação criativa e presente na configuração de toda realidade do real –, então outros poetas e pensadores compuseram nosso arcabouço discursivo dentro do âmbito poético-pensante-literário, tais como: Clarice Lispector, Fernando Pessoa, Carlito Azevedo, Marília Garcia, Octavio Paz, Marcos Siscar e Gaston Bachelard.

Sempre com vistas ao diálogo que integrasse tanto a poesia como obra pensante quanto a filosofia e a literatura como lugares férteis para cogitarmos o humano e nossas atuações profissionais (e cotidianas também), a partir das leituras desenvolvidas, trazíamos para o interior de nosso olhar a possibilidade como espaço fecundo, a fim de indagarmos por aquilo que a nós parecia já estabelecido. Daí, possibilidade, enquanto questão a ser seguida e desenvolvida, no projeto ganhou ares de engrandecimento, uma vez que para isso nos pautamos na leitura que Gilvan Fogel, professor titular de Filosofia da UFRJ, fez de Kierkegaard na correlação entre a angústia e o homem. Assim, segundo Fogel (2015, p. 127), um modo de se pensar o homem é compreendê-lo enquanto “a realidade da liberdade como possibilidade para possibilidade”, e, a partir dessa perspectiva, pudemos cogitar a reelaboração do sentido do homem atravessado pelo poético de forma macroscópica. Em seguida, mais intimamente – dimensão que tornavam as discussões mais interessantes –, pudemos pensar tal provocação na proximidade de nosso trabalho, além do nosso trato e convívio com leituras, tanto das textuais como, e principalmente, das que nos conduziam ao silêncio dos olhos de um possível interlocutor que partilhasse de nosso ambiente social ou profissional. Afinal, o que propomos a ser compreendido como “leitor

literário” não se reduz àquele que lida bem com o material intelectual (livros, trabalhos acadêmicos ou pedagógicos), mas diz respeito àquele que se deixa transbordar pelo literário, pela poesia, quando estes são modos de composição da realidade, que fundam a habitação poética do homem, na medida em que este se transveste de poeta ao entrar em contato com o poético. Habitante que é da linguagem mora no verbo que delira:

Em poesia que é voz de poeta, que é a
voz de fazer
nascimentos –
O verbo tem que pegar delírio.
(BARROS, 2010, p. 301).

Propusemos ainda a condição de sermos um com o poema. Isto é, entre nós – leitores – e a obra trabalhada há um limite, evidentemente, mas não o que separa um do outro. Ao contrário, conduz-nos ao interior da obra de arte – no caso, o poema ou a literatura de maneira geral – e de nós mesmos enquanto movimento contínuo que operacionaliza o que em cada um de nós é diferença na tensão de nossa identidade com a obra de arte. Para tal empreendimento pensante, tomamos como base a proposição de que “O poema não é uma forma literária, mas o ponto de encontro entre a poesia e o homem” (PAZ, 2012, p. 22).

Com essas leituras básicas, somadas às que se desenvolveram ao longo do projeto, pudemos montar um mosaico poético-literário-filosófico que propiciasse algum tipo de provocação em todos nós, pois, sem dúvida alguma, colocamo-nos inteiramente nesse movimento questionante, partilhando com cada um dos participantes do trabalho os abismos nos quais nos lançávamos. Assim eram nossos encontros: abismais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A palavra “resultados” não diz muito bem o que ficou desencadeado em cada um de nós ao fim do projeto. Embora esteja dentro de um ambiente acadêmico, que preza por dados, pesquisa científica e informações precisas, o que ficou em nós é sem medida, sem resultado. No entanto, entendemos a necessidade dessa objetividade e, por isso, é possível fazer uma abordagem, salientar alguns pontos

altos importantes durante o processo de realização do projeto. Desse modo, seguirá abaixo um apanhado, que pode, nesse contexto, ser compreendido como resultado de cada um dos módulos.

⁵ Manoel de Barros (1916-2014), nascido em Cuiabá-MT, aos dois meses de idade segue com a família para Corumbá-MS, onde se fixam. Poeta que reverdeceu a língua portuguesa ao dar importância ao ínfimo, às coisas relegadas à sarjeta. Foi um desinventor palavral, teve gosto por concupiscências verbais e imagéticas.

Também para clarificar ainda mais, como em cada um dos módulos nos concentramos num tema ou poeta ou pensador específicos, faremos uma exposição breve, em nota de rodapé, sobre o autor trabalhado.

Módulo 1

O primeiro módulo do projeto “Poéticas” aconteceu no mês de abril, a partir de alguns poemas selecionados do poeta Manoel de Barros⁵, com o intuito de darmos início ao estudo e à discussão da palavra em sua habitação poética, como dito acima, assim como para percebermos as “matérias de poesia” – em referência aos dizeres barrianos – enquanto tudo aquilo que está presente em nosso convívio cotidiano. Desde então, elaboramos um trabalho, cujo enfoque esteve completamente voltado à interpretação poemática e à ideia de que somos nossas palavras, que estas são corpos pulsantes, vivos. Postura essa intensificada pelos outros módulos e também na oficina.

A palavra como corpo vivo dá margens à invenção e à assunção de sermos aquilo que somos no que escrevemos. Acreditamos e defendemos que a escrita não pode se reduzir a um aglomerado sígnico. Então, com esse horizonte de trabalho, as leituras feitas foram encorpadas de sentidos, dando a todos a possibilidade de se olharem a partir do que leram e escreveram.

Alguns participantes, dentre eles professores da rede pública, sentiram-se bastante tocados pelo tipo de discussão e trabalho desenvolvidos nesse primeiro momento do projeto e optaram por fazer todos os módulos. O que foi muito bom, pois permitiu um amadurecimento bem mais intenso das questões levantadas pela proposta do projeto e, claro, pelos poemas e textos críticos lidos e discutidos. O trabalho que traz poesia como pensamento irriga de recantos os corredores já há muito percorridos pela razão, que prima pelo já feito. No projeto, lidamos com abismos, com a novidade de uma palavra que pode desencadear novos viveres.

Módulo 2

No segundo módulo do projeto, estudamos a poética de Paulo Leminski⁶. Então, ao serem consideradas as peculiaridades da escrita leminskiana – como, por exemplo, a tensão entre o dinâmico e o intenso no trato com as palavras – o trabalho realizado se aproximou desse caráter ambíguo que as palavras desempenham e de como isso interfere no trato com as pessoas no cotidiano, particularmente no âmbito educacional. Que fique claro, o educar no projeto é compreendido como *ex-ducere*, ou seja, aquilo que extrapola, que é conduzido (*-ducere*) para o aberto (*ex-*), no sentido de assunção de um desabrochar pessoal. Para tal postura, tivemos como uma das bases teóricas e ativas a seguinte referência:

Educar não diz somente transmitir conhecimentos ou soluções culturais acumuladas. Educar, em seu sentido originário e radical diz *ex-*: para fora, e *ducere*: conduzir, levar. Educar é conduzir para fora, fazer desabrochar, fazer eclodir o ser humano que cada um é, e não entulhar o educando com conhecimentos externos. Para fora não indica um deslocamento espacial, mas a irrupção estruturante do vigor do ser do homem. Educar é fazer desabrochar em plenitude de liberdade o que cada ser humano é. (CASTRO, 1994, p. 135).

Desse modo, perspectivas e experiências de leitura eram pensadas e discutidas à luz das questões desencadeadas pelos poemas trabalhados. Um dos resultados bastante positivos dessas nossas práticas era saber que os professores – e demais profissionais, de educação ou não – levavam para seu cotidiano de trabalho algumas das nossas discussões e até passavam a olhar seu ambiente profissional de forma diferente, em uma perspectiva poética, mas não pela concepção do gênero literário, e sim do poético como verbo, como luzir, tal qual o sentido que se resgata do pensamento grego: a poesia como *poíesis*, isto é, criação originária, ação contínua, circular e desencadeadora de realidade (HEIDEGGER, 2012).

⁶ Paulo Leminski (1944-1989), curitibano que causou impacto na língua portuguesa ao perceber na síntese a concentração de aglomerados semânticos. Trabalhava o poema em lances velozes de surpreendimento palavral ao mesmo tempo em que se dedicava a uma escrita mais alongada (embora ainda concisa) em seus ensaios. Autor de *Catatau*, romance com o qual estreou e, embora seja considerado romance, concentra incrível carga poética ao lidar com a palavra em sua nascividade.

Sobre a infiltração de nossas discussões na vida social e profissional dos participantes, segue o comentário da professora e contadora de histórias Perses Maria Canellas da Cunha, que presenteou o projeto com sua presença em todos os módulos:

⁷ Fernando Pessoa (1888-1935), poeta, crítico literário, multifacetou-se pela heteronímia. Os principais heterônimos foram Alberto Caeiro (o mestre de todos, inclusive do ortônimo), Ricardo Reis, Alvaro de Campos e Bernardo Soares.

A escrita é o resultado de tudo que vivenciamos. Todas as discussões e atividades que tivemos ao longo dos módulos contribuíram, e muito, para o meu olhar sobre o que eu escrevo e o que leio. Esse nossos encontros sempre nos desestabilizam, e isso é muito produtivo.

Conforme a professora Perses comentou, a escrita congrega vivências, reúne tanto no signo quanto no silêncio o mundo que nos atravessa e se reelabora. Assim, a poesia precisa ser revista e revisitada para além do já exposto e dito, do já concebido como certo, do que chega a ser imposto aos alunos de toda ordem como relação puramente estética com a palavra, sem sequer se questionar pela estesia do estético. Poesia é uma voz que fala pela língua do silêncio, mas que fundamenta mundos. Poesia é memória, mas Memória, e não reminiscência:

A poesia é a Memória feita imagem e esta convertida em voz. A outra voz não é a voz do além-túmulo: é a do homem que está dormindo no fundo de cada homem. Tem mil anos e tem nossa idade e ainda não nasce. É nossa avó, nosso irmão e nosso bisneto. (PAZ, 2001, p. 144).

Com esse tipo de concepção sobre o poético, os participantes dos módulos tiveram a possibilidade de se recriarem e reverem seu modo de estar no mundo, o que naturalmente reflete no trabalho de cada um.

Oficina “A palavra como material corporal do verbo”

Preferimos não colocar a oficina dentro do esquema de módulos por pensar ser este um momento bem diferente no projeto. Assim, a partir do poema XLVI, de Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa⁷, a prática de produção textual foi construída do seguinte modo: como o poema tem sete estrofes, a cada encontro fazíamos a leitura do

poema completo e nos concentrávamos em duas estrofes. Então, no primeiro encontro as 1ª e 2ª estrofes nos guiavam; no segundo, as 3ª e 4ª estrofes; no terceiro, as 5ª e 6ª e, por fim, no quarto encontro, a última estrofe fechava as discussões acerca das atividades feitas. Abaixo, segue o poema mencionado:

XLVI

Deste modo ou daquele modo,
Conforme calha ou não calha,
Podendo às vezes dizer o que penso,
E outras vezes dizendo-o mal e com
misturas,
Vou escrevendo os meus versos sem
querer,
Como se escrever não fosse uma coisa
feita de gestos,
Como se escrever fosse uma coisa que me
acontecesse
Como dar-me o sol de fora.

Procuro dizer o que sinto
Sem pensar em que o sinto.
Procuro encostar as palavras à ideia
E não precisar dum corredor
Do pensamento para as palavras.

Nem sempre consigo sentir o que sei que
devo sentir.
O meu pensamento só muito devagar
atravessa o rio a nado
Porque lhe pesa o fato que os homens o
fizeram usar.

Procuro despir-me do que aprendi,
Procuro esquecer-me do modo de lembrar
que me ensinaram,
E raspar a tinta com que me pintaram
os sentidos,
Desencaixotar as minhas emoções
verdadeiras,
Desembrulhar-me e ser eu, não Alberto
Cairo,

Mas um animal humano que a Natureza produziu.

E assim escrevo, querendo sentir a Natureza, nem sequer como um homem, Mas como quem sente a Natureza, e mais nada.

E assim escrevo, ora bem, ora mal, Ora acertando com o que quero dizer, ora errando, Caindo aqui, levantando-me acolá, Mas indo sempre no meu caminho como um cego teimoso.

Ainda assim, sou alguém.
Sou o Descobridor da Natureza.
Sou o Argonauta das sensações verdadeiras.
Trago ao Universo um novo Universo
Porque trago ao Universo ele-próprio.

Isto sinto e isto escrevo
Perfeitamente sabedor e sem que não veja
Que são cinco horas do amanhecer
E que o Sol, que ainda não mostrou a cabeça
Por cima do muro do horizonte,
Ainda assim já se lhe veem as pontas dos dedos
Agarrando o cimo do muro
Do horizonte cheio de montes baixos.
(PESSOA, 1980, p. 163-164).

O objetivo das atividades propostas era que cada um encontrasse sua própria palavra e se encontrasse junto dessa palavra obliterada por inúmeras razões, inclusive a do esquecimento da autopercepção, quando todos se aperceberiam enquanto rio errante de um dia a dia que é abafado por afazeres lógicos.

No primeiro encontro, além de ter sido proposto que cada participante escrevesse versos “sem querer”, o que lhes causou mais impacto foi propor que escrevessem como se não fossem eles mesmos. Essa ideia joga cada um em uma inquietação em que se realiza um tipo de “aporia filosófica”. Conjuntamente, evidencia a tensão de todos sermos

simultaneamente vários outros. Então, a partir do momento em que essa situação foi enfocada, poder-se-ia pensar em uma produção textual que congregasse um profundo pensamento e uma imersão no abismo que cada um é, a fim de que as produções não fossem meros exercícios técnicos. Afinal de contas, defendemos a posição de que poesia é pensamento profundo, um agir originário e originante, um genuíno habitar:

é a poesia que permite ao habitar ser um habitar. Poesia é deixar-habitar, em sentido próprio. Mas como encontramos habitação? Mediante um construir. Entendida como deixar-habitar, poesia é um construir. (HEIDEGGER, 2012, p. 167).

No segundo encontro, partimos para o aprofundamento no sentido das imagens, em que todos deveriam criar palavras que dissessem simultaneamente o que cada um é e não é, e dessas palavras imagens seriam criadas. Ao reunirem as palavras e as imagens, foi-lhes proposto que escrevessem um poema, um conto, enfim, um texto no qual teriam a experiência do burilar poemático em diálogo com o pensamento poético, independente do gênero.

No terceiro encontro, a partir das discussões e questões levantadas nas estrofes interpretadas do poema de Caetano e em diálogo com a técnica “OuLiPo” (*Ouvroir de Littérature Potentielle*, em tradução livre: Oficina de Literatura Potencial), a intenção era a de que conciliassem o olhar para si – em uma escrita em que a palavra se torna o corpo do autor – com um exercício que viabilize a junção do caráter “braçal” na elaboração textual com questões pertinentes a cada um. Com isso, veríamos que apesar de limites técnicos, a palavra poética é mais do que uma limitação imposta, uma vez que ela é o próprio limite.

No quarto e último encontro, a produção de cada um foi exposta, a fim de que um pudesse opinar na construção poemática do outro. Além, claro, de antes termos feito a leitura do poema do Caetano e a interpretação da sua última estrofe para que servisse de horizonte às discussões desenvolvidas.

Módulo 3

Neste módulo, trabalhamos com a crise de versos a partir de textos críticos de Marcos Siscar⁸ (2008) e Paulo Franchetti⁹ (2009), além de poemas de Paulo Leminski (2013), Manoel de Barros (2010) e do já citado Siscar. Daí, tivemos os seguintes questionamentos como foco: o quanto essa crise se alarga para além do literário e compõe nosso cotidiano? Como compor nossa experimentação social-literária? Por que falar, de fato, sobre crise de versos? Qual efetivamente é o impacto desse questionamento em nossa vida profissional?

Em uma aproximação com o desaprumo que nossa vida é e ao nos considerarmos poemas em construção contínua – uma vez que, conforme mencionado acima, poesia é um verbo que diz o agir (*poíesis*) –, faz-se pertinente tal questão no sentido de nos percebermos no interior dessa crise, sendo com ela. Assim, pensar a crise de verso, o trânsito de formas em uma escrita poemática, tem a ver com o olhar para nossa condição de componentes da realidade, atravessados nas e pelas questões em travessia com o real. Então, qual o limite entre uma construção métrica e o impacto dessa edificação em nós? Somos medida exata ou uma contínua ruptura desse parâmetro? Como perceber o ritmo das palavras em nosso corpo tanto quanto num texto lido? O que nos provoca uma imagem poética, cuja invenção diria a condução para um entrelugar? Quando ir a esse entrelugar? Será que em algum momento saímos dele?

Arriscamos em dizer que somos feitos da mesma matéria do “quase”; que somos o interstício do sonho na viragem para a realidade. Mas, ainda resta a dúvida: o que é realidade? O que é isto que nos toca a pele e nos faz dizer “somos humanos”? O que é isso que chamamos de texto e com ele inevitavelmente nos escrevemos?

Ao habitarmos esse lugar em que o “quase” dita o horizonte de nossos olhos, a crise se faz pertinente, na medida em que nela há reinvenções para além do já posto e encerrado. Então, a partir deste módulo, esse não lugar passou a tomar bastante espaço em nossas discussões. Não víamos apenas o limite entre prosa e poesia como algo regido pelo caráter acadêmico dessa provocação. Passamos a transpor a dimensão do intelectual, a fim de imergirmos no âmbito do corpo como uma questão ambígua, isto é, tanto se dando pelo caminho

⁸ Marcos Siscar (1964) nasceu em Borborema-SP. Professor da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), publicou os livros *Não se diz* (1999), *Metade da arte* (2003) – que reúne sua poesia até aquela data – e *Roubo do silêncio* (2007), *Interior via Satélite* (2010), *Cadê uma coisa* (2012), *La mitad del arte* (2014, Espanha) e *Manual de flutuação para amadores* (2015).

⁹ Paulo Franchetti (1954) nasceu em Matão-SP. É crítico literário e foi professor titular da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). De 2002 a 2013, dirigiu a Editora da UNICAMP, da qual foi presidente. Aposentou-se em 2015.

do sensível (*aísthesis*), que sente e recebe o mundo; quanto pela percepção intelectual (*nous*), compondo ambas as dimensões o corpo – corporeidade textual – como unidade, como experiência, como palavra viva na qual brilha a linguagem (*lógos*) e onde os limites entre prosa e poesia se ambigüizam por constituírem uma tensão harmônica. Daí, para basear o que acabamos de expor, temos tanto uma perspectiva fenomenológica quanto uma poemática. Pela fenomenologia, essa corporeidade textual diz uma unidade onde limites conceituais são corrompidos, elevando o sentido da experiência poética:

Corpo, pois, é obra do fazer-se de experiência — *perfeição* de experiência ou história. Incorporação — melhor: *encorpoação*. No fazer-se de uma experiência, no expor-se de um *páthos* ou afeto (um verbo), vai fazendo-se ou realizando-se, *modelando-se* igualmente *um* corpo, uma individuação — *um* homem, *este* homem, *uma* ou *esta* vida, que é, sim, doação, perduração, atravessamento ou suportação de vida, de um modo possível de ser de vida, a saber, a experiência em questão. (FOGEL, 2009, p. 57).

A segunda orientação, como não poderia ser diferente, é a poética ou poemática – propriamente dita –, tendo como referência a obra de Manoel de Barros. Segue, então, um trecho do poema “Sabiá com trevas”, integrante do livro *Arranjos para assobio*, que deixa bem clara nossa postura no projeto:

Eu escrevo com o corpo
Poesia não é para compreender mas para
incorporar
Entender é parede: procure ser uma
árvore.
(BARROS, 2010, p. 178).

A partir de então, perspectivas marcadas por certa dureza conceitual eram revistas e repensadas dentro do âmbito do deslimite¹⁰, no qual a fronteira entre o prosaico e o poético, ou entre a prosa e a poesia, deixou de ser percebida como demarcação antinômica para ocupar

¹⁰ Importante ressaltar que na poética barriana, o prefixo “des-” diz muito mais intensidade do que negação. Portanto, um deslimite não quer dizer ausência de limite, e sim investidura, intensificação no limite, tornando esta uma palavra muito mais rica dentro do pensamento poético-filosófico. Para aprofundar tal questão, é interessante a leitura do livro *Manoel de Barros: a poética do deslimite*, de Elton Luiz Leite de Souza.

o lugar do entre, do ambíguo. Daí, o limite enquanto um conceito rijo, com a função de pontuar a definição entre início e fim, torna-se uma questão, passando a ocupar a dimensão da tensão, do entrelugar, do deslimite.

Módulo 4

No presente módulo, estudamos alguns capítulos do livro *O arco e a lira* (2012), de Octavio Paz¹¹, no que diz respeito principalmente às discussões entre prosa e verso, como já mencionado anteriormente. Então, além de continuarmos os debates sobre esses deslimites, juntou-se ao leque das proposições o ritmo; o encadeamento das palavras e como tais leituras impactam o cotidiano de cada um, tanto socialmente quanto profissionalmente, até porque são instâncias que se atravessam constantemente.

Um ponto alto deste curso foi a atividade proposta, na qual se faria a interação entre leitura textual e a sensibilização do ato de ler, ou seja, propusemos um transbordamento, uma implicação, uma contaminação – no melhor dos sentidos – entre o texto lido e o leitor que o lê. Para a realização da atividade, fizemos duplas e cada um se concentrou nos olhos do parceiro por dois minutos, o mais relaxadamente possível. Depois desse tempo, todos escrevemos um poema (ou qualquer material palavral) com o que foi lido desse silêncio captado no olhar do outro.

Com a prática acima, a intenção foi a de desver o ato de ler, aproximando o quanto possível o texto da tessitura que somos. Afinal, todos estamos enredados e compomos a paisagem do real, o que torna a leitura uma experiência reunidora entre o que fomos, o que somos e o que seremos – o que significa invocar o sentido mítico de *Mnemosýne*, deusa que personifica a memória enquanto linguagem –, uma vez que somos fundamentalmente memória e, com a leitura, nos encharcamos de nós mesmos: “Ler é alimentar-se da memória do que já desde sempre somos” (CASTRO, 2015, p. 86).

As discussões a partir das leituras de Octavio Paz foram muito importantes para permitir o alargamento da perspectiva do homem para além de um ente social, o que fez modificar inclusive o modo como alguns professores enxergavam seus alunos em sala de aula. Não

¹¹ Octavio Paz (1914-1998), nascido na Cidade do México (México), foi poeta, tradutor, crítico literário, diplomata. Em seus escritos, transitou por entrecaminhos entre a crítica e o pensamento poético, chegando a um limite em que deixa aparecer esse lugar de tensão entre a prosa e a poesia. Recebeu o Nobel de Literatura em 1990.

que o olhar dos docentes que participaram do projeto em relação aos seus alunos fosse ruim, até porque tivemos a felicidade de receber profissionais de educação e agentes de leitura – além de formandos e pessoas que simplesmente participaram por amar literatura e poesia – que já traziam consigo uma maneira criativa e cuidadosa no trato com os discentes. Mas, mesmo assim, houve uma impactação nas ações em sala e em suas produções pessoais, no que diz respeito à produção textual. Então, levantamos a possibilidade de pensar que somos poemas em contínua construção; que frase, ritmo, cadência, melodia, verso etc. não dizem respeito apenas à ambiência textual, e sim que compõem nosso estar no mundo. Assim, pudemos perceber que um poema ou um verso diz muito sobre aquilo que somos e, principalmente, sobre nossas “outrações”, pois somos infinitos em nós: “O homem é a sua imagem: ele mesmo e aquele outro. Através da frase que é ritmo, que é imagem, o homem – esse perpétuo chegar a ser – é. A poesia é entrar no ser” (PAZ, 2012, p. 119).

¹² Carlito Azevedo (1961) nasceu no Rio de Janeiro-RJ. Foi editor da revista *Inimigo Rumor*. Autor de *Collapsus Linguae*, de 1991; *As Banhistas*, de 1993; *Sob a Noite Física*, de 1996; *Versos de Circunstância*, de 2001; *Sublunar*, de 2001 e *Monodrama*, de 2009.

¹³ Eduardo White (1963-2014) nasceu em Quelimane, Moçambique. Foi membro do Conselho de Coordenação da revista *Charrua* e dirigente da Associação de Escritores de Moçambique. Autor de *Dormir com Deus e um Navio na Língua*, de 2001; *Bom Dia, Dia*, de 2014; entre outros.

¹⁴ Sem perdermos de vista a estesia, em pleno diálogo com o sentido originário, lembrando o grego *aísthesis*, que significa o sensível, o modo pelo qual o corpo recolhe o mundo. Portanto, em sentido amplo, diz o vivenciar.

Módulo 5

No quinto módulo, trabalhamos com os dois poetas basilares do projeto “Poéticas” – Paulo Leminski e Manoel de Barros – e somamos a estes dois poetas contemporâneos: o carioca Carlito Azevedo¹² e o moçambicano Eduardo White¹³.

A leitura e interpretação do poema de Carlito foi importante tanto para reforçar nossas discussões sobre como a estrutura poemática transborda do texto para a composição da realidade quanto para, até num âmbito estético¹⁴, percebermos como a estrutura de um poema, dentro de si mesma, vai muito além da tradicional métrica. Para isso, selecionamos o poema “Rua dos cataventos”, o qual rompe com a referida estética tradicional de poemas e insere outras possibilidades de construção textual, baseada não só na metaforização de ideias, palavras e sentido – constituindo imagens-questões – quanto na intensificação de um ritmo muito peculiar, presente na obra. Desse modo, pudemos levantar o questionamento acerca do quanto o visível não é restrito ao que se vê, pois nele o fundamental é o não visto que se vela no que se vê. Então, com uma propensão lírico-narrativa existente no poema estudado, o colapso foi uma das questões centrais do poema, o que evidentemente se derivou em questionamentos para além do

poemático, pois o colapsar se tornou um argumento importante por compor a constituição do nosso dia a dia, afinal, desde o ínfimo até o monumental, processos de crise são presentes e constituem nossa realidade, seja pessoal, seja socialmente. Assim, a fim de ilustrar um pouco o dito acima, segue a primeira parte (pois aqui já não se fala mais em estrofe) do poema:

Quando explodiram a sinagoga, digo, a mesquita, digo, a discoteca, ele podia ter estado presente, ele esteve presente, ele foi considerado suspeito, ele poderia ter sido considerado suspeito, ele poderá ser considerado suspeito, ele colaborou, ele poderia ter colaborado, ele vai colaborar. Bebeu o café que lhe ofereceram. Passaram a se referir a ele como “o bebedor de café”. (AZEVEDO, 2009, p. 71).

O ritmo cinematográfico, a velocidade da trama que se erige, a proximidade de um contexto recorrente em noticiários, tudo isso diz respeito também ao nosso cotidiano. O poema somos nós, e por isso somos capazes de ler, pois somos essencialmente linguagem.

Em outro encontro desse módulo, ao trabalharmos um poema de Eduardo White, veio à tona o sentido poético de casa e de habitação. O que nos levou a algumas indagações: para além da moradia, onde, em nossas interlocuções pessoais, encontramos morada? Onde, no trabalho que exercemos, conseguimos habitar poeticamente? Quando uma habitação é, de fato, poética? Dessas provocações, uma questão que brilhou mais, talvez em função do encadeamento dos módulos anteriores, foi pensar o corpo como habitação.

A partir de nossas indagações, propusemos uma atividade que dialogasse com o poema interpretado, a qual tratou da produção de textos tecidos por imagens. Nessa especificação, a ideia foi procurar por aquilo que não fosse visível no lugar de habitação de cada um – já expandindo o sentido de habitação também para o metafórico. Tal postura nos levou às seguintes perguntas: o que é um lugar de habitação? O que é lugar? O que é espaço? O que é habitação? Portanto, mesmo considerando as muitas possibilidades de produção, a ideia central foi perceber o corpo como habitação poética, que

poderia se desdobrar na casa, imageticamente tratada, e no lugar enquanto composição de limites. Para possibilitar a compreensão da proposta, segue um trecho do poema interpretado:

A casa tem aranhas das quais não me quero separar que são as do texto que flutuam e as da própria vida que me procura. A casa é um interminável território de coisas, lugar para que as memórias a ela afluam e vivam, por vezes, e morram, por outras. A casa é uma vírgula idílica na história da gente e, por isso, ela conserva também as alegrias, os risos que a revolveram e a coloriram, as fantasias cúmplices, os sonhos que nos vigiam. Nunca nada mereceu tanto uma casa como a aranha, porque ela dá sentido à vida quando está perdida a vida desse sentido e a testemunha com formas tão intensas. (WHITE, 2001, p. 20).

É importante ressaltar que, além da discussão sobre espaço, falamos bastante sobre silêncio, sobre vazio num sentido criativo, e não como ausência, a partir da imagem da aranha, que costura infinitos com sua teia e dá a casa uma outra espacialidade. Daí, aquilo que é minúsculo passa a ocupar a posição de monumentalidade, considerando agora a forte influência da poética barriana: “Hei de monumentalizar as pobres coisas do chão mijadas / de orvalho” (BARROS, 2010, p. 343). Com esses questionamentos, ornamentamos nosso olhar para aquilo que pensávamos já conhecer e nos possibilitamos a envergaduras poéticas, quando nos deixamos levar para a criação dos absurdos e o quanto estes são importantes para fertilizar nossa percepção de mundo, tanto num sentido humano-poético-filosófico quanto no mais corriqueiro possível.

Módulo 6

No sexto módulo do projeto, o enfoque se deu nos questionamentos poético-filosóficos. Então, em vez de nos concentrarmos em obras poéticas propriamente ditas, nossas leituras se detiveram em pensadores que trazem o poetar-pensante em suas obras. Assim, a

partir de ensaios de Martin Heidegger¹⁵ (2012), Gaston Bachelard¹⁶ (1985) e Gilvan Fogel¹⁷ (2007) nos foi possível oferecer ao grupo a possibilidade de percebermos outra dimensão, referente aos estudos literários – de forma ampla – e poéticos, de maneira específica. Desse modo, por um lado, estivemos em diálogo constante com a fenomenologia – por ser nossa orientação filosófica – e, por outro, mantivemo-nos atentos à singularidade que determinado texto exige, assim como intensificamos questões que vínhamos discutindo ao longo dos cursos, a saber, poesia como verbo (do grego *poíesis*) e como habitação poética do homem: “A poesia é a capacidade fundamental do modo humano de habitar” (HEIDEGGER, 2012, p. 179).

Outro ponto fundamental tratado foi o tempo, compreendido aqui enquanto questão que transborda o mero sentido cronológico. Percebido como instante poético, isto é, um acontecimento singular e irrepitível, enreda em seu ventre a potência do devir, coadunando dicotomias, ao fazer com que estas se ambigüizem:

O instante poético é, pois, necessariamente complexo: emociona, prova – convida, consola –, é espantoso e familiar. O instante poético é essencialmente uma relação harmônica entre dois contrários. (BACHELARD, 1985, p. 184).

Por fim, resumidamente, vimos com Gilvan Fogel o sentido apropriante da interpretação; o questionamento a respeito da representação como ferramenta retórica, que distancia a realização de uma obra nela mesma; e o questionamento do conceito como método engessador do pensamento, que cria entaves, melhor, impõe obstáculos quando nos obriga a entender uma coisa por outra, em vez de nos deixar percebermos a coisa nela mesma, sem intermédio, sem explicação externa.

Entendemos que uma obra é acontecente, que nos arvora sem mediação, que nos deixa a sós conosco. Ensozinha-nos, mas não num sentido apático, doente, depressivo. Diz, isso sim, uma apropriação, um apoderar-se do que em nós são outros, do que na obra desencadeia porvires e nos desencadeia leitores de um mundo que se revela sempre originariamente, pois ler é ler-se; estar com um poema é ser com ele: “ler é o desafio originário de se ler, de auto-ler-se na vigência

¹⁵ Martin Heidegger (1889-1976) nasceu em Messkirch, Alemanha. É considerado um dos maiores pensadores do século XX. Segundo o pensador brasileiro Emmanuel Carneiro Leão (1977, p. 116), “a filosofia heideggeriana se vê compelida a re-pensar e interpretar toda a história metafísica do esquecimento do Ser”. Autor de *Ser e Tempo* e *Introdução à metafísica*, entre outros.

¹⁶ Gaston Bachelard (1884-1962) nasceu em Bar-sur-Aube, na Champagne, França. Foi filósofo, epistemólogo e crítico literário. Autor de *A poética do espaço* e *A poética do devaneio*, entre outros.

¹⁷ Gilvan Fogel é professor titular de Filosofia, no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS/UFRJ). Autor de *Da Solidão Perfeita – Escritos de Filosofia e Sentir, Ver, Dizer*, entre outros.

daquilo que cada um já é e recebeu para ser, realizando-se eticamente” (CASTRO, 2015, p. 30).

Por isso, por enfatizarmos que somos tanto mediadores de leitura quanto aquilo que lemos, foi muito importante, elucidante, primordial, que nos detivéssemos nos conteúdos expostos aqui. Assim, cada agente de leitura, cada professor em sua turma, cada leitor, cada formando que participou do projeto teve a possibilidade de se colocar em questão, questionando-se. Afinal, nossa intenção ao formular tal empreitada foi a de provocar questionamentos. Pensamos que a formação leitora não é um dizer sobre, não significa dar uma fórmula a ser executada; mas diz, isso sim, o movimento de nos lançarmos nos próprios abismos que somos. O oposto disso está no âmbito do conceito, quando compreendido como cristalização informacional sobre determinada coisa, assunto. Um conceito, se não se abrir a rupturas, sedimentará envelhecimentos. Então, sobre esse sentido engessador de conceito:

O conceito, índice elementar de todo pensamento representativo ou do chamado conhecimento representativo-conceptual, é *o velho, o habitual*. O conceito é a coisa *sempre já vista, sempre já sabida*, uma vez previamente constituído como universal abstrato, ao qual todo novo, melhor, todo *indivíduo* é reduzido ou reconduzido e, assim esvaziado enquanto concreto e individual singular – do indivíduo não há ciência, o indivíduo é inefável! (FOGEL, 2007, p. 41-42).

A inefabilidade do indivíduo exprime a singularidade que cada um é. Mais ainda, e dentro de nosso contexto, deixa aparecer tensões próprias do que acontece durante a leitura: um lançar-se a si, quando texto é tessitura e poesia é verbo (*poíesis*) que movimenta, que inaugura realidade. Por isso a necessidade de se sair da limitação conceitual, a fim de que sejamos sempre conduzidos ao aberto da experiência leitora-literária em vez de nos determos no já sabido, naquilo que já está datado, estipulado, restringido em sua empoeirada nomenclatura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com os posicionamentos acima, discutimos intensamente as questões desencadeadas pelos textos teóricos e poemas trabalhados, assim como nos detivemos nas indagações e proposições colocadas por cada um dos participantes, na medida em que se sentiam tocados. Enriquecemos nossos olhares, partilhamos devires e, o quanto fosse possível, nos recriamos junto de nossas leituras. O resultado dessa ação foi o impacto tanto nos locais de trabalho de cada um quanto em suas vidas pessoais, quando, segundo os comentários que recebemos nos breves questionários entregues aos participantes do projeto, a poesia como pensamento reverdeceu perspectivas, deixando-os (e a nós também) embevecidos pelo mundo verbo-poético-palavral que se irrompia dentro de cada um.

Um exemplo do que acabamos de expor está no comentário da professora Renata Almeida, ao responder se, de alguma maneira, as discussões do curso ajudaram no seu modo de pensar a palavra poética e a educação:

Busquei o curso pensando em aprimorar minhas aulas de redação com alunos de pré-vestibular e fui surpreendida de forma muito agradável com a evolução que pude alcançar em relação às reflexões sobre poéticas e sobre poéticas relacionadas à educação.

A professora Sheila Alves Pontes também deixou um comentário bastante importante no que diz respeito ao alcance do projeto “Poéticas” e de como este interferiu em seu cotidiano profissional:

o curso¹⁸ “Poéticas: Formação de Leitores Literários” tem um alcance que vai além de seus participantes, quando esses são tocados pelos poemas e se tornam porta-vozes de suas ideias. A abrangência do curso está indo além, está indo muito longe, está transformando crianças de escola pública, está transformando hábitos de um menino, morador de favela, que só falava em ser bandido. Um

¹⁸ Reproduzo na citação exatamente como a professora Sheila escreveu. No entanto, é bom ressaltar que o “Poéticas” não se trata de um curso, e sim de um projeto composto por cursos (que também os chamamos de módulos).

menino que, recentemente, cedeu ao que de humano existe nele. Um menino que deixou de resistir e está conseguindo existir. E eu, enquanto professora e ser humano, estou podendo perceber a beleza dele, a minha beleza e a beleza de seu trabalho [...]. O trabalho com poesia está transformando minha sala de aula em um ambiente mais humano e mais feliz.

A professora Ísis da Penha Monteiro Guedes, no vigor da experiência de seus 62 anos de vida – idade na época que fez um dos módulos – da qual, segundo ela, mais de um terço foi dedicado às questões educacionais, presenteou o projeto com o seguinte comentário:

As discussões foram de grande valia para o meu modo de pensar, isto porque aproveitei a oportunidade de conhecer o sentido da poesia e da palavra numa construção desse gênero, através de parte da obra de Manoel de Barros. Além de um simples olhar de um poema, de uma composição poética, ver algo mais de representativo e significativo na apresentação de uma poesia, de um poema.

Aprofundar-se na obra, mas de forma a tornar-se sensivelmente humano, não como um analista implacável como vestibulando. Seria mais do que isso. É arte. É humanizar-se. É sensibilizar-se. É entregar-se ao deleite das possibilidades, dos espaços, das criações, das invenções, das coisas do mundo.

Ao passar por tal experiência, verifiquei que o campo poético nos aproxima do ser, simplesmente do ser, da sua existência e num grau menor de complexidade, pensando na Educação Infantil, na gama de possibilidades de estimularmos as crianças nesse campo da Arte, para que

crianças que ainda têm a ingenuidade possam nos dar matéria de reflexão com suas ideias, criações e pensamentos.

A professora de geografia Luciana Santiago Oliveira Santos, ao buscar a interação entre sua área de atuação e a literatura, disse o seguinte:

A cada dia, a cada encontro, tenho um olhar mais profundo e sensível nos textos literários, principalmente nas poesias, possibilitando que eu enxergue mais as relações entre geografia e literatura, e rompendo cada vez mais a barreira entre essas duas áreas.

O psicólogo Sergio Moreira, ao responder se o seu olhar profissional amanheceria diferente depois dos encontros do projeto, comentou:

Tenho procurado me apresentar como um cara, e não como alguém que faz isso ou aquilo. Tenho como prática abrir e/ou fechar aulas e palestras com poemas. Quanto ao meu olhar, ele anoiteceu diferente nos dias que participei dos encontros. Diferente bom, tipo Manoel de Barros.

Cristina Vianna, professora e autora do livro *As meninas de dentro* – publicado em 2016 pela Editora Autografia –, também contribuiu com seu comentário:

Encontrar este projeto foi mágico. Procurava há tempos por um espaço em que pudesse falar, sentir, escrever e pulsar poesia. Além de repor minhas energias nestas duas horas, eu alimento minha alma com a convivência com pessoas tão encantadoras e poéticas.

Ao fim de seis módulos e uma oficina, o resultado não poderia ter sido mais gratificante. Mundos foram ampliados e partilhados, todos os envolvidos tiveram suas percepções densificadas. Professores, conforme mencionado nas citações, alargaram seu olhar para seus alunos e para a perspectiva de como o poético pode ser mais bem trabalhado, quando

se vai além de uma configuração genérico-literária; agentes de leitura intensificaram seu trabalho com poesia; e os formandos puderam amadurecer suas posturas sobre o trabalho com o poético em suas futuras turmas, como é possível observar no comentário de Luciana dos Santos Silva, graduanda em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Faculdade de Formação de Professores (UERJ/FFP): “Meu olhar se tornou mais amplo, mais generoso e mais sensível. Me sinto mais bem preparada para discussões e trocas de ideias”. É o caso ainda de Leonardo Ramos Botelho Gomes, graduando em Letras também da UERJ/FFP, que embora ainda esteja em formação, ao responder se nossas atividades modificaram no trabalho com alunos (ou futuros alunos), disse o seguinte sobre o projeto: “orientou-me na análise de poemas e me atentou para maior utilização destes em sala, consciente dos caminhos que são capazes de nos levar na prática”.

Enfim, saímos todos presenteados ao fim de um trabalho que primou pelo poético, mostrando o quanto possível que sua dimensão está muito além do âmbito utilitário, acadêmico ou intelectual. O projeto que visou à formação de leitores literários ganhou nuances importantíssimas ao receber tão intensas contribuições. Melhor do que o resultado obtido, só mesmo repetindo a experiência e, claro, para se chegar a outro mutável-permanente lugar: nós mesmos.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, C. **Monodrama**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009. 156 p.

BACHELARD, G. Instante poético e instante metafísico. In: _____. **O direito de sonhar**. Tradução de José Américo Motta Pessanha, Jacqueline Rass, Maria Lúcia de Carvalho Monteiro e Maria Isabel Raposo. São Paulo: Difel, 1985. p. 183-189.

CASTRO, M. A. **Leitura: questões**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2015. 330 p.

_____. **Tempos de Metamorfose**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994. 218 p.

BARROS, M. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010. 480 p.

FOGEL, G. **Homem, realidade, interpretação**. Rio de Janeiro:

Mauad X, 2015. 224 p.

_____. Notas sobre o corpo. In: CASTRO, M. A. (Org.). **Arte: corpo, mundo e terra**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

_____. O desaprendizado do símbolo (a poética do ver imediato). **Revista Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 171, p. 39-51, out. dez. 2007.

FRANCHETTI, P. Crise de verso. **Revista Estudos Linguísticos**, São Paulo, n. 38, 2009. Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/38/EL_V38N3_46.pdf>.

HEIDEGGER, M. ...poeticamente o homem habita... Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. In: _____. **Ensaios e conferências**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 165-182.

LEÃO, E. C. **Os pensadores originários**. Petrópolis: Vozes, 1991. 94 p.

_____. **Aprendendo a pensar**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1977. 268 p.

LEMINSKI, P. **Toda poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. 424 p.

PAZ, O. **O arco e a lira**. Tradução de Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2012. 347 p.

_____. **A outra voz**. Tradução de Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 2001. 148 p.

PESSOA, F. **O eu profundo e os outros eus**. 8. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. 280 p.

SISCAR, M. Poetas à beira de uma crise de versos. In: **Subjetividades em devir: estudos de poesia moderna e contemporânea**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

SOUZA, E. L. L. **Manoel de Barros: a poética do deslimite**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010. 140 p.

TORRANO, J. O mundo como função de musas. In: HESÍODO.

Teogonia: a origem dos deuses. Tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1992. 121 p.

WHITE, E. **Dormir com Deus e um navio na língua.** Fafe: Labirinto, 2001. 93 p.

Submetido em 16 de maio de 2017.

Aprovado em 3 de julho de 2017.